



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA**

**GENNIS MARTINS TIMÓTEO
ARAÍ**

**KUNHANGUE ARANDU REKÓ, TA'ÁNGA RE A'EGUI NHEMBOPARA:
SABEDORIA DOS CICLOS DE VIDA DAS MULHERES GUARANI
EM PINTURAS E PALAVRAS**

Florianópolis
2020

GENNIS MARTINS TIMÓTEO
Ara'í

**KUNHANGUE ARANDU REKÓ, TA'ÁNGA RE A'EGUI NHEMBOPARA:
SABEDORIA DOS CICLOS DE VIDA DAS MULHERES GUARANI
EM PINTURAS E PALAVRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Licenciatura Intercultural Indígena do Sul
da Mata Atlântica Como parte dos
requisitos necessários para obtenção do
grau em licenciatura com ênfase em
conhecimento ambiental sob a orientação da
Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea

Florianópolis
2020

Gennis Martins Timóteo
Ara'í

**KUNHANGUE ARANDU REKÓ, TA'ÁNGA RE A'EGUI NHEMBOPARA:
SABEDORIA DOS CICLOS DE VIDA DAS MULHERES GUARANI
EM PINTURAS E PALAVRAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do
Título de Licenciado no Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da
Mata Atlântica, Terminalidade Conhecimento Ambiental.

Local, 10 de Fevereiro de 2020.

Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea
Orientadora
UFSC

Sandra Benites
Avaliadora
PPGAS-MN-UFRJ

Elis do Nascimento
Avaliadora
PPGAS-UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 15h30 horas, na Sala 324 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Evelyn Martina Schuler Zea, Orientadora e Presidente, Professora Elis do Nascimento, Titular da Banca, e Professora Sandra Benites, por videoconferência, designados pela Portaria nº 08/2020/HST do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Gennis Martins Timoteo, intitulado: "KUNHANGUE ARANDU REKÓ, TA'ÁNGA RE A'EGUI NHEMBOPARA: SABEDORIA DOS CICLOS DE VIDA DAS MULHERES GUARANI EM PINTURAS E PALAVRAS". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Evelyn Martina Schuler Zea, a nota final 10, da Professora Elis do Nascimento, a nota final 10, e da Professora Sandra Benites, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 10 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. _____

Prof. Elis do Nascimento Silva

Prof. Sandra Benites

Candidata Gennis M. Timoteo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que a acadêmica Gennis Martins Timóteo, matrícula n.º16105929, entregou a versão final de seu TCC cujo título é KUNHANGUE ARANDU REKÓ, TA'ÁNGA RE A'EGUI NHEMBOPARA: SABEDORIA DOS CICLOS DE VIDA DAS MULHERES GUARANI EM PINTURAS E PALAVRAS, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em azul, provavelmente da orientadora.

Orientadora

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins Timóteo, Gennis Ara'i
Kunhangue arandu reko ta'ánga re a'egui nhembopara :
Sabedoria dos ciclos de vida das mulheres guarani em
pinturas e palavras / Gennis Ara'i Martins Timóteo ;
orientadora, Evelyn Schuler Zea, 2020.
51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Ciclos de vida das mulheres guarani. 3.
Sabedoria feminina. 4. Conhecimento familiar. 5. Pinturas
e palavras. I. Schuler Zea, Evelyn. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

Dedico esta pesquisa a minha querida mãe Maria Erma
Takuá (*in memoriam*) e a todas as mulheres Guarani

Mulheres!

Somos deusas filhas de *Nhandetchy*.

A sagrada mãe e avó de todas as mulheres do universo.

Fez de nós mulheres de muitas gerações em uma só alma.

É a mãe que nós dá o sopro da vida.

Que nos ensina os segredos da cura e da vida.

Nós dá o conhecimento sobre a cosmologia da terra e do céu.

Faz de nós mulheres fortes e guerreiras.

Valentes e destemidas.

Nossos corpos e espíritos pertencem a ela.

Sagrada mãe, sábia e majestosa.

Agradecemos pelo nosso ciclo da vida.

Pela sagrada conexão com a nossa grande mãe *Nhandetchy*.

(Gennis Martins Timóteo Araújo)

Agradecimentos

Gratidão é um sentimento lindo que todo o ser humano deveria sentir. É através desse sentimento, que expresso todo o meu carinho e estima pelas pessoas que trilharam juntas comigo está longa caminhada universitária. Construíram comigo cada palavra, cada pensamento do meu trabalho. Estavam ao meu lado em cada momento de alegria, de tristeza, de luta e de resistência. Fizeram os meus dias pesados ficarem mais suaves.

Estou grata a minha mãe por estar ao meu lado mesmo que em forma de espírito de luz. Que me instruiu a chegar até aqui.

Grata a *Nhandetchy* e *Nhanderú* o grande espírito que me deu forças e energia. A meus irmãos queridos que tiveram participação especial em cada história da minha vida.

Agradeço ao meu esposo Kiko Benite Kuaray, pela paciência e pelo apoio desses quatros anos, e mesmo com tantos obstáculos continuou ao meu lado. Aos meus filhos queridos Suellem e Kauã que aguentaram minha ausência. Aos meus netos lindos Emilly e Alisson que são minha vida.

Estou grata também pelo grande apoio da minha comunidade. Das lideranças cacique Hyral Moreira e Celita Antunes pela compreensão, pelo amparo e pela colaboração na construção dessa carreira.

Agradeço a minha querida orientadora Evelyn, pela atenção que me guiou nessa grande orientação, me fazendo chegar ate aqui. Agradeço a Elis que também teve grande participação especial no meu trabalho.

Gratidão a coordenação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Aos grandes e sábios professores que foram essenciais na minha estadia na universidade e na minha formação pessoal e acadêmica.

Grata a todos meus colegas do curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Resumo (em português)

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema central o ciclo da vida das mulheres Guarani da minha família, trazendo uma conexão entre a arte das minhas pinturas e a ciência da escrita. A pesquisa traz como referências principais os conhecimentos tradicionais ensinados pela minha mãe e o modo de ser mulher guarani da minha família. Cada capítulo inicia com uma pintura que faz menção a cada ciclo da vida da mulher. Começando pela menarca que é uma iniciação importante para a menina Guarani. Porque é um momento em que se iniciará uma nova caminhada pelo mundo dos adultos. Após a menarca surgirão outras novas fases do ciclo, como a gestação que é o momento único sagrado. O parto e o pós-parto que são fases em que nós mulheres trazemos ao mundo novos seres humanos e que devemos cuidar e amar. A menopausa, que é o momento em que nossa fertilidade do útero chega ao fim, mas que nosso coração de mãe continuará fértil. E finalmente chega a fase da ancianidade em que somos consideradas anciãs. É quando já acumulamos muitas experiências e conhecimentos. Tornamo-nos sábias, conhecedoras de todos os segredos de cura e de toda a sabedoria da vida feminina Guarani.

Palavras chaves: Ciclos das mulheres guarani, sabedoria feminina, conhecimento familiar, pinturas e palavras.

Resumo (em Guarani)

Kova'e mba'eapo ma oguereko kunhangue aedjavive rekó régua. Temiambo para aegui ta'anga djeapo djoo rami gua meme. Tchee tchy ma ore vype ore mbo'e arandu reko, mba'eitcha orekuai awã, aegui ro gueraa porã awã nhandereko. Ta'angua adjapo va'e ma omombe'u kunhangue reko mba'eitcha pa oatcha kyrĩ guive o'egui idjyvate peve. Peteĩ kunha'ĩ inhangue vyma oatcha ma wãimĩ reko py oiko awã, aegui mã owãe imemby ryru awã reko, mbaetcha pa oguereko mintã oiko ramo. Puru'á ma ramo kunhangue nhambodjerovia katu ra'ã. Kunhague idjyvate vyma ndoguereko veima mintã. Idjyvate vima kunhangue owaema ramo ma tchedjaryi rami ma roiko. Kova'e py owaẽ ramo ma ro ikuaa pa ma kunhangue aranduá reko. Roguereko ma mba'eitcha pa ro mbopiro'y awã. Peitcha ma ore kuery kunhangue reko arandu marã'ỹ.

Palavras-Chave: kunhangue reko, aranduá Mbiguaçu pygua; ta'anga djeapo aegui nhembopara.

Lista de Figuras

<i>Figura 1: Tela “Takuá” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, setembro/2019.</i>	17
<i>Figura 2: Minha mãe Takuá. Foto: Daniel Kuaray Timóteo, 29/05/2010.</i>	20
<i>Figura 3: Tela “Nhandetchy” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 10/09/2019.</i>	23
<i>Figura 4: Tela “Memby ryrú (útero)” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 07/11/2019.</i>	25
<i>Figura 5: Desenho „A energia feminina“ (caneta e papel A4). Autora: Gennis Ara’í, 27/01/2020.</i>	30
<i>Figura 6: Tela “Ipurú’a” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 25/11/2019.</i>	32
<i>Figura 7: Tela “Memby pytä” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 11/12/2019.</i>	36
<i>Figura 8: Tela “Memby pytä rire” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 26/11/2019.</i>	39
<i>Figura 9: Tela “Djatchy re noi veima” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 12/12/2019.</i>	43
<i>Figura 10: Tela “Tchedjaryí” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 18/01/2020.</i>	47
<i>Figura 11: Tela “Poty Djá” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 18/01/2020.</i>	50
<i>Figura 12: Desenho “O ciclo de vida feminino guarani” (caneta e papel A4). Autora: Gennis Ara’í, 28/01/2020.</i>	53

Sumário

Agradecimentos	9
Resumo (em português)	10
Resumo (em Guarani)	10
Lista de Figuras	11
Apresentação	13
Introdução	15
Homenagem à minha mãe Takuá Maria Erma Martins	17
Homenagem à Nhandetchy	23
<i>Inhengué ramo Djatchy</i> - estar na lua (menarca)	25
<i>Ipuru´a</i> – estar grávida (gestação)	32
<i>Memby pytã</i> (hora do parto)	36
<i>Memby pytan rire</i> (Pós-parto)	39
<i>Djatchy re noi veima</i> (Menopausa)	43
Tchedjaryí (anciãs)	47
Homenagem a <i>Tchedjaryí</i> Poty Djá (Rosa Mariani Cavalheiro)	50
Conclusão	52
Referências	54
Referências orais	54
Referências escritas	54
Referências audiovisuais	54
Anexo	55

Apresentação

Sou indígena da etnia Guarani. Meu nome indígena é *Ara'í*, em português me chamo Gennis Martins Timóteo. *Ara'í* está relacionado com o dia e com o tempo. O nome *Ara'í* vem do nome *Ara* (dia) que vem de um lugar onde mora o deus *Tupã*, o responsável por cuidar da terra. As pessoas com o nome *Ara* são delicadas e sensíveis.

Cada nome que surge vem de um deus que mora em determinado lugar fora dessa vida terrena, tanto para os homens quanto para as mulheres. Não são as pessoas que escolhem os nomes, mas sim os nomes que escolhem as pessoas. Porque cada nome pertence a uma divindade e cada divindade comanda sua própria morada, como se cada um tivesse seu próprio céu. Os nomes de cada pessoa vêm de um certo céu e, por isso, não recebemos qualquer nome. O nome é dado pelas divindades e enviado pelos espíritos até a alma das pessoas, por esse motivo devemos valorizar e ser sempre chamado pelo nome guarani porque é o primeiro nome que recebemos.

Moro em Biguaçu (SC), na aldeia *Yynn Morotĩ Wherá*, que quer dizer águas cristalinas, ou reflexos das águas. Nasci em 1982, na aldeia guarani Limeira, no interior do oeste de Santa Catarina. Na minha infância vivi em várias aldeias entre Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, porque meus pais estavam sempre mudando. É um costume normal entre nós Guarani migrar de um lugar para outro.

Minha mãe se chama *Takúá* em guarani e em português Maria Erma Martins. Meu pai se chama *Wherá* em guarani e em português Pedro Timóteo, ambos já falecidos. Somos em oitos irmãos, tenho dois filhos e dois netos. Minha família é extensa tanto pelo lado materno quanto pelo lado paterno.

Meu ensino primário e fundamental foi em escolas de *Djuruás* (não indígenas). Estudei fora da aldeia não por opção, mas porque tempos atrás não havia escolas em aldeia guarani como hoje em dia. Apenas o ensino médio cursei em escola indígena dentro da aldeia. Mas essa escola não era da etnia guarani, mas sim da etnia *kaingang*, tive que me adaptar aos costumes desse povo e aprender um pouco da língua também, foi uma experiência muito boa, pois aprendi muitas coisas.

Aqui na aldeia de Biguaçu, leciono como professora do ensino fundamental e médio desde 2015. A escola na qual trabalho, E.E.B. I *Wherá Tupã Poty Djá*, é técnica em conhecimento ambiental, por isso escolhi no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, a terminalidade de conhecimento ambiental que tem a ver com meu trabalho.

A primeira vez que entrei na universidade foi na Federal do Paraná (UFPR) em 2009. Cursava ciências sociais, mas é muito difícil se adaptar na cidade, há muitas dificuldades no viver em meio a tantos movimentos da cidade grande, por isso troquei de curso. Mudei para o curso de serviço social e de cidade também, para um polo da UFPR na cidade de Matinhos (PR), que era para mim mais tranquilo para estudar. Novamente não consegui terminar por inúmeros acontecimentos, principalmente o falecimento de minha mãe. Resolvi voltar para aldeia e estudar mais perto de casa na UFSC, no curso de serviço social também, e, por não receber nenhuma bolsa do MEC, desisti novamente. Tentei o vestibular do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica em 2015, onde consegui passar e estudo até os dias atuais.

Meus primeiros conhecimentos sobre o mundo e sobre a vida foram repassados em casa através de minha querida mãe. Por que para nós Guarani a primeira escola é nosso lar e a *opy*. Nossos primeiros professores são nossos pais e avós, que repassam seus conhecimentos através da oralidade. Tenho um profundo agradecimento pela minha mãe, pelo grande esforço que fez para manter eu e meus irmãos no caminho do bem. Sempre lutou para que pudéssemos estudar e aprender outras culturas diferentes. Porque ela sabia que para nós lutarmos pelos nossos direitos era preciso ter estudos. E para se defender dos ataques preconceituosos de alguns *djuruá* é preciso estar armado, não com armas, mas com o conhecimento espiritual e intelectual do mundo.

Introdução

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Aborda o tema sobre o ciclo da vida das mulheres Guarani da minha família. O ciclo da vida começa desde nosso nascimento passando por varias etapas de transformação chegando a parte final da vida.

O objetivo do meu trabalho é relatar o modo de vida das mulheres guarani de minha família. O ciclo pela qual todas as mulheres passam são fases importantes para uma mulher. Começo meu trabalho falando sobre minha mãe, porque meu TCC foi baseado nos costumes tradicionais da minha família, ela foi matriarca e tudo que aprendi foi através dela. Falo também sobre o significado do seu nome, sobre a pintura que faz menção a ela.

Nos capítulos seguintes falo sobre as regras da menarca, da gestação, do parto, do pós-parto, a menopausa até a idade na qual a mulher se torna uma anciã e possui todos os conhecimentos da vida. Desde nosso nascimento, nós mulheres guarani passamos por períodos de mudança corporal, psicológica e espiritual e devemos estar preparadas para enfrentar e entrar nesses novos mundos que surgem a cada fase de nossa vida.

Passamos por vários rituais, seguimos varias regras desde nosso nascimento, para que nossa vida e nosso espirito fiquem bem. Todos os conhecimentos que temos foram no repassados oralmente pela nossa mãe e nossas avós e devemos guardar e repassar para nossas filhas e filhos, netos e netas.

Escolhi escrever esse tema em homenagem a minha querida mãe curandeira e parteira. Era uma mulher forte com amplos conhecimentos sobre ervas medicinais e poder de curas, e nos ensinou cada regra e ritual sobre o ciclo de vida feminino. E nos instruiu a seguir todos seus ensinamentos e ate hoje mesmo nesse tempo atual seguimos os seus conhecimentos.

Portanto é importante que nosso conhecimento familiar, sobre as fases da vida da mulher seja repassado para outras mulheres sejam elas guarani ou não, mesmo que de uma forma escrita. Porque não há muitos registros sobre esse tema, que falem sobre nosso modo de vida. E os registros que há são

sempre relatados por homens ou outras mulheres não indígenas, que as vezes nem mesmo estão corretos. Distorcem a história feminina Guarani. Muitas mulheres Guarani não gostam de expor suas vidas e seus costumes porque não há necessidades. Não porque são tímidas ou proibidas, mas por cautela mesmo, e também medo de sofrer consequências, porque mesmo sendo moderno nesse mundo ainda existe preconceito. Então escrevo para dizer que nós mulheres Guarani estamos aqui, e temos uma vida quase igual a todas. Só que com costumes e tradição diferente. E meu trabalho foi feito especialmente para minha família, um meio de registrar o básico sobre o costume das mulheres.

Minha pesquisa é composta pela parte artística e pela parte escrita. Cada capítulo inicia com uma pintura em tela, com um desenho criado por mim mesma e logo depois vem a parte escrita. Para cada capítulo me inspirei em fazer uma pintura que representa cada tema do trabalho. Esse é um modo de dizer que arte também esta presente em todos os momentos do nosso *Nhanderekó* (modo de vida). Minhas telas são feitas com tecido cru, com tintas para estampas Hidrocryl, com pincéis e com molduras em bambu. O objetivo no inicio era fazer minhas pinturas em tecido de fibra de bambu, mas não é fácil de encontrar esse tecido. Com tintas naturais de plantas e argila, mas estão escassas. O bambu foi mais fácil de encontrar porque há na aldeia, mas só utilizo os bambus secos, com o objetivo de preservar o que ainda resta na aldeia. Essa foi a forma que encontrei de apresentar meu TCC unindo a arte visual com a escrita.

Homenagem à minha mãe Takuá Maria Erma Martins



Figura 1: Tela “Takuá” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, setembro/2019.

Começo com uma homenagem à minha mãe, que é a principal referência para mim, para minha vida e também para este trabalho.

Pintei uma imagem de um ser feminino surgindo de uma planta com raízes, em suas mãos segurando um *Petynguá* (cachimbo sagrado) e em outra mão um ramo de ervas. À sua frente, está a imagem de *Djatchy* (lua), ao seu lado, a *urukure´á* (coruja).

A pintura faz referência ao espírito da minha mãe, mulher curandeira e parteira, conhecedora dos mais profundos segredos de cura. Em suas mãos tem o poder de curar através das ervas medicinais e com a fumaça do *Petynguá* faz uma conexão direta com *Nhanderu ete* (Deus, nosso pai verdadeiro) e *Nhandetchy ete* (Deusa, nossa mãe verdadeira), que abençoam seu espírito e fazem desse dom uma dádiva.

Em sua frente está *Djatchy*, a lua que rege a vida feminina guarani. Ela influencia espiritualmente a vida da mulher aqui na terra e faz parte do espírito e do modo tradicional feminino guarani de ser e de viver.

Minha mãe me ensinou que o ser feminino surge como se fosse uma plantinha nascida da mãe terra: cresce, cria raízes, folhas e frutos. Se suas raízes forem fortes, a nossa mãe terra lhe dará forças e sabedoria para serem usadas para fazer o bem. É através das raízes que vem todo o conhecimento ancestral, porque é a terra que nutre a alma da mulher curandeira, ela é a mãe da fertilidade, é ela que ensina tudo sobre o que tem nas matas e é através dela que vêm os espíritos em forma de animais.

Todas as mulheres possuem um animal de poder que está sempre por perto em forma de espírito. Às vezes não conseguimos ver, apenas sentimos que esse espírito em forma de animal está sempre nos protegendo e transmitindo sabedorias mesmo que de uma forma invisível.

O espírito em forma de coruja é um animal de poder intuitivo e inteligente que ensina a lidar com as plantas, com as medicinas tradicionais e assim ensina como curar, tirar a dor ou amenizar sofrimentos do corpo e da alma. O espírito da coruja está sempre ao lado de alguém protegendo, cuidando, afugentando os maus espíritos de uma forma silenciosa. Possui o poder da visão de enxergar através da alma. A mulher que possui esse espírito de coruja quando morre sua alma desencarna desse corpo carnal desse mundo terreno e se torna esse espírito animal porque nunca morre. Mas recebe uma nova missão, que é de proteger e repassar todo o conhecimento que possui para outra nova geração que surge com filhos ou netos que irão ter o mesmo dom.

O nome de minha mãe é *Takuá*, que é o nome de uma divindade feminina vinda da *Yvy Marãe'y* (terra sem males), a primeira deusa feminina a surgir entre os deuses que até então eram todos masculinos. Ela é mãe de todas as deusas, a primeira filha de *Nhanderu*, na qual contêm os poderes mais fortes de cura, conhecedora de todas as ervas, dona do som do vento da melodia do *Takuá pu*.

No trabalho „Os significados dos nomes Guarani“, Aline Antunes Moreira Takuá Yvydjú enfatiza a importância dos nomes recebidos de cada Guarani e destaca que o nome Takuá é a deusa do tempo:

“Takua é a deusa mais antiga, ela que gerou o nosso universo principalmente nosso sistema solar. Avó de todos os deuses e o pulsar de um coração, o único jeito de se comunicar com ela é através do takuapu um instrumento sagrado usado pelas mulheres na casa de reza. Quando uma mulher bate o takuapu no chão o som desse instrumento chega até a deusa recebendo assim seu chamado”. (MOREIRA ANTUNES YVYDJÚ TAKUA, 2019: 3).

Takúa pu é um instrumento musical utilizado apenas por mulheres dentro do opy nos cantos e rezas. Feito com bambu é confeccionado conforme o tamanho da mulher que irá utilizar. É algo sagrado mandado pelos deuses, o *Takua pú* durante a dança é batido no chão conforme o ritmo da dança, não é apenas um simples som que sai de dentro dele, mas sim uma maneira de *Nhanderu* dizer que está presente. É uma forma de comunicação entre as mulheres e os espíritos sagrados.



Figura 2: Minha mãe Takuá. Foto: Daniel Kuaray Timóteo, 29/05/2010.

Takuá é o nome guarani que foi dado a minha mãe, mulher medicina e curandeira, grande conhecedora do poder e da sabedoria da mata e das plantas medicinais. Nasceu em 12 de novembro de 1942 na aldeia da Limeira, na época Posto Indígena Xapecó, município de Entre Rios (SC). Em seu tempo de criança tinha uma educação tradicional guarani, onde todo o conhecimento que recebia era através da observação e da oralidade. O *Nhanderekó* (modo de ser guarani) é uma forma simples de viver a vida e que forma a personalidade de cada Ser Guarani.

A aldeia guarani Limeira era um lugar que naquele tempo atrás era considerado como um ponto de referência guarani. Um meio de encontro para o povo guarani que vinham de toda América do Sul. Era um lugar onde trocavam as sementes tradicionais guarani, como o milho, amendoim e outros. Trocavam também ervas medicinais e todos os conhecimentos e experiências

vividas. Realizavam também as cerimônias de cura e rituais de plantio e *Nhemongarai*.

Nesse tempo, Takuá aprendeu com a sua mãe a sabedoria das plantas e os segredos de cura. Conheceu os vários modos de preparar os chás, a identificar as plantas e espécies de remédios tradicionais. Todos esses conhecimentos eram repassados pelas anciãs da família. Era uma maneira que encontraram para que nossa sabedoria familiar fosse repassada e guardada.

Takuá viajou muito pelo sul do país, assim como é de costume guarani, sempre viajar e migrar muito de uma aldeia a outra. Visitou e morou em várias aldeias e assim foi acumulando conhecimentos e aprendendo novas formas de curas e segredos guarani. Ela não se considerava uma *kunha karai* (pajé) ou uma xamã, mas sim uma curandeira e parteira.

Em todas as aldeias que passava contribuía com seus conhecimentos tradicionais sobre plantas e sobre partos. Mesmo sendo Guarani e nunca tendo a oportunidade de frequentar a escola, porque em sua infância era proibido mulher ir à escola, lutou para que nós, seus filhos, pudéssemos ter estudo. Aprendeu a ler sozinha para poder conhecer mais sobre as plantas e o poder de cura.

Curou muitos enfermos com seus chás. Ela fazia seus remédios com fé de que tudo iria dar certo. Andavam muito na mata procurando ervas que nascem apenas em alguns lugares específicos. Mas tinha sua própria horta de plantas medicinais que cultivava com muito orgulho e carinho.

Dentro e fora das aldeias, fez vários partos de crianças indígenas e não indígenas. Foi uma das melhores parteiras e curandeiras de sua época. Para ela, era importante que o parto fosse natural, porque é uma forma mais segura de trazer a criança até a mãe. E ela não se importava de que etnia ou crença fossem. Só se preocupava em trazer a criança para a vida de um modo seguro e sem sofrimento, e o que importava era amenizar a dor do próximo sem receber nada em troca.

Era criticada pelos *Djuruás* por ser parteira e curandeira. Para eles, esses métodos caseiros de manusear as plantas e de fazer parto era algo absurdo. Achavam que era algo primitivo, sem valor e que não era seguro. Nem todos entendem que fazer parto é um dom divino que nem todos os seres humanos possuem. Apenas os escolhidos podem praticar de um modo seguro.

Tudo que aprendeu com suas avós e com sua mãe praticava de um modo prazeroso e cauteloso. Porque ser parteira era uma missão que ela tinha nas mãos. Era algo divino guiado pelas mãos de *Nhanderu*. Ao mesmo tempo em que cumpria a missão de trazer criança ao mundo, tinha em sua alma a essência de ser curandeira. Curava doenças com seus chás e remédios caseiros. Tudo isso para ela é como se fosse uma dádiva. Muitas pessoas vinham de longe, de outras aldeias e países, para curar suas dores.

Era conhecida por ser uma sábia na arte da cura. Sabia como lidar com as plantas e conhecida os segredos das ervas e utilizava para todos os fins. Até mesmo os próprios pajés procuravam-na para fazer tratamentos de cura, para melhorar a saúde. Nada para ela era impossível, curava não só doenças carnis, mas também as doenças espirituais. Quando sabia que não podia curar doenças com fins terminais, pelo menos tentava amenizar as dores das pessoas com chás, rezas e benzimento. Como é de costume da família, todos esses dons que Takua possuía, em sua morte deveria ser repassado para outro membro da família. E deve ser usado para fins benignos.

Homenagem à Nhandetchy



Figura 3: Tela “Nhandetchy” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’i, 10/09/2019.

A pintura faz uma referência a *Nhandetchy Ete* (nossa Mãe Verdadeira). A mulher que nos repassou todos os seus ensinamentos e nos ensinou o modo de ser mulher guarani. A terra sagrada também é considerada uma poderosa *Nhandetchy Tenondé*, chamada por nós de Mãe Terra.

As imagens das mulheres representando todas as mulheres indígenas que de alguma forma estão em conexão diretamente com a Mãe Terra, que é a responsável pela nossa vida. A lua, nosso astro que influencia o ciclo da vida feminina, e a árvore representa nossa saúde, nosso espírito, as raízes representam nossa ancestralidade, todo o conhecimento. A Mãe Terra é a responsável pela saúde da mulher guarani, tudo está relacionado diretamente com ela. É a mãe que nos dá vida e para ela um dia retornaremos, porque nosso corpo pertence a ela e estará nos esperando de braços abertos.

A terra tem uma grande importância para a mulher guarani, pois é dela que tiramos nosso sustento, é ela que nos fornece saúde tanto espiritual

quanto carnal. Se não tivermos respeito com ela e maltratá-la, ela adoecerá e nós juntamente com ela também adoeceremos. De alguma forma, vivemos em um mundo onde tudo está ligado a natureza, a terra, a água, a lua, nosso jeito de viver como se fosse uma só.

A mulher guarani tem um espírito muito forte, toda sua sabedoria vem da *Nhandetchy Ete*. Tudo o que sabemos foi ela quem nos ensinou os saberes das plantas, das águas e dos céus. Assim como nossas ancestrais que aprenderam um dia tempos atrás, nós mulheres da nova geração também estamos aprendendo toda a sabedoria das matas e das plantas, todo o conhecimento dos rituais de cura. A mulher guarani é muito ligada a terra e a natureza, às águas e ao xamanismo e à religiosidade, e tudo está ligado a ela porque a terra também é uma das nossas mães mais antigas.

Nós mulher guarani não somos tímidas, submissas, caladas e ignorantes. Só fomos educadas para fazer tudo em nosso devido tempo e lugar. Não jogamos palavras para fora da boca à toa porque tudo tem um momento certo para ser dito. E tudo que falamos os espíritos ouvem e isso tanto pode nos fazer bem quanto fazer mal. E todos esses costumes que seguimos nos foram repassados de gerações a gerações de mulheres, que aprenderam há muito tempo atrás com *Nhandetchy* como devemos seguir corretamente nosso *kunhangue rekó*.

Inhengué ramo Djatchy - estar na lua (menarca)



Figura 4: Tela "Memby ryru (útero)" (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara'i, 07/11/2019.

A pintura faz menção à menarca, a primeira menstruação, algo sagrado para nós mulheres guarani, uma benção de *Nhandetchy* a nossa mãe verdadeira que protege e cuida de nós mulheres. O beija-flor é o grande espírito sagrado enviado por *Nhandetchy* para trazer fertilidade. A flor que ele traz no bico se refere ao primeiro sangue da menstruação que derrama sobre o útero em forma de uma planta com folhas e flores que ainda irão desabrochar dentro do útero.

A primeira menstruação é a mais importante da vida das meninas guarani. A partir daí, um novo ciclo de vida irá começar, a infância termina e a vida adulta começa a surgir. Aos poucos a vida vai mudando de uma forma em que nós mulheres saímos de um mundo de fantasia e entramos em um mundo real onde os fatos acontecem e as experiências se acumulam a cada ano que passa.

Djatchy é um termo usado pelas Guarani de Biguaçu para referir se quando uma mulher está menstruada ou quando está para menstruar, dizemos que está na lua. A lua é um ser sagrado que representa o símbolo feminino guarani que influencia a vida e o modo de ser de uma Guarani. Estar no período menstrual não quer dizer que a mulher esteja doente, mas sim em um momento de limpeza do corpo e do espírito.

A menina só entra na lua a partir de quando acontece a primeira menstruação, esse é o momento que ela está apta a se tornar mulher e talvez pronta para casar e ter filhos. Essa é uma fase de transformação onde ela deixa de ser criança para entrar no mundo dos adultos, onde aprende a ter responsabilidades e deveres.

A partir de quando acontece a menarca, a menina deve se comportar de uma maneira mais reservada, deve se preparar para enfrentar muitas regras e passar por alguns rituais próprios da cultura. Desde criança, a mulher guarani aprende com suas mães ou avós, os rituais e as regras, para se tornar uma mulher instruída dentro do conhecimento guarani, no modo de ser mulher guarani. A partir da menarca, a menina já pode ser considerada mulher e é respeitada como uma e deve seguir algumas regras que são feitas próprias para elas.

O primeiro ritual que fazemos é cortar os cabelos, que são cortados e guardados pelos pais em forma de tranças ou amarrados nas pernas do pai ou dos avós, para dar mais força ou usados em outros rituais, como amarrar na cintura das crianças. Outro ritual é tirar a teia de aranhas para fazer linhas e amarrar no pulso das mocinhas: isso tornará a mão da menina ágil e fará com que ela se torne hábil para tecer, costurar e confeccionar artesanatos.

Antigamente raspava-se o cabelo em vez de apenas cortar curto como hoje em dia. Muito tempo atrás, quando as meninas menstruavam pela primeira vez ficavam reclusas em uma casinha própria para ela em cima de camas ou

tarimbas longe do solo, porque isso trazia segurança para seu espírito e as deixava longe dos maus espíritos. Caso ela ficasse muito tempo sentada no chão havia perigo, males que rodeavam que de alguma maneira tomariam conta de sua alma.

Nos tempos atuais, nesse século XXI, alguma maneira de agir mudou, a menina deve ficar de resguardo em casa cuidando de sua saúde e não mais reclusa totalmente. Deve cuidar de sua alimentação, fazendo dietas próprias para ela porque é um momento em que está limpando a impureza do corpo. Deve ficar dentro de casa por um período até passar a menstruação, não podendo ingerir carnes gordurosas nem mesmo açúcares, e com a cabeça coberta por um pano sem poder lavar. Não deve cozinhar, lavar roupas ou louças porque isso fará mal às pessoas que comerem sua alimentação. De jeito nenhum devem tocar em qualquer tipo de plantas porque isso secará completamente desde a raiz até as folhas.

Outra regra que deve seguir é nunca passar por cima da perna dos homens, porque isso trará grandes enfermidades para eles desde dores carnis até espirituais. A partir desse momento, as meninas já começam a ser preparadas para casar, aprendem com as mães ou mais velhas da aldeia como cuidar de uma família e da casa, dos filhos, aprendem a preparar os variados tipos de chás de ervas naturais usados pela família e também os banhos com ervas que são essenciais para o corpo.

Quando menstruei pela primeira vez minha mãe e minhas irmãs cortaram meu cabelo bem curto. Não me davam alimentos doces nem muito salgados para comer porque isso faz mal. Fiquei em resguardo dentro de casa sem brincar meus colegas, mas não totalmente em repouso porque estudava em escola de brancos, e se eu faltasse em muitas aulas reprovaria. Mesmo sendo um costume guarani, os *djuruá* não entendem e a escola também não entenderia.

Aprender a cultura das plantas é uma tradição que passa de mãe para filha desde menina, o que não é repassado adiante é perdido no tempo até mesmo esquecido para sempre. Posso afirmar que a mulher indígena, assim como a guarani, é muito importante dentro de uma comunidade, por ser guardiã de muitos segredos e de muitos conhecimentos que só nós mulheres sabemos.

Mesmo neste século atual, algumas famílias ainda conseguem repassar para as filhas essas regras e algumas mulheres ainda ficam em resguardo nesse período em que estão na lua. A mulher menstruada não deve tocar em plantas mesmo hoje em dia, nem mesmo tocar em homens ou ter relações sexuais, isso traz dolorosas consequências para ele como doenças tanto espirituais, como para o corpo dela e também do homem.

Em seu TCC Davi Timóteo Martins relata sobre um dos costumes da mulher Guarani em seu primeiro ciclo da vida que é a menarca.

“As kunha Karai se reuniam para ensinar as meninas como se cuidarem, quando essas passassem da fase de criança para a fase adulta. A menina não podia e, até hoje não pode, se casar antes de ter a primeira menstruação, ou estar no tempo da lua (no *Jaxy*) sendo que depois dessa fase já estaria pronta para se casar, e isso só acontecia aos quatorzes e quinze anos de idade. Mais hoje é mais frequente a menina menstruar mais cedo por conta dos alimentos industrializados que existe no mercado alimentício”. (MARTINS, 2015: pag.19).

No TCC da antropóloga Guarani Nhandeva Sandra Benites, ela enfatiza também a importância de cuidar do corpo:

“A menina deve ter cuidado desde a *oguapyare* – *menstruação*, e nós mulheres Guarani sempre temos que cuidar do nosso corpo por toda a vida. As *tchedjaryi* dizem que a dor de cabeça vem com o vento. Por isso, não podemos pegar friagem nesse período. Você não pode sentir dor de cabeça no resguardo, porque sentirá sempre dor e com o tempo a dor fica mais forte. As meninas também não podem mexer com fogo, com calor, sair no sol quente. O excesso de calor dá tonturas, dor de cabeça. Quando estamos menstruadas não cozinhamos. Durante a menstruação, ficamos muito expostas, frágeis, sensíveis. Temos que ficar sossegadas, sem estresse, tranquilas. Desrespeitar essas regras implica ter problema no *py’a* – *coração*” (BENITES, 2015, p. 21).

Na aldeia há uma *opy Djatchy* (casa de reza das mulheres) que foi feita especialmente para as mulheres. Quando há alguma cerimonia, como por exemplo, a busca da visão, as mulheres ficam reclusas nesta *opy* sem poder se misturar com os demais que estão praticando a cerimonia. Durante uma

cerimonia dentro da opy não podem levantar e dançar nem mesmo fumar o *Petynguá* a não ser que seja um próprio para as mulheres que estão no *Djatchy*. Cada pessoa possui seu próprio *Petynguá*, e não pode fumar um que seja de uma mulher que esteja no *Djatchy* porque pode se contaminar.

A dança do *tchondaro* que acontece em Biguaçu após a cerimonia da busca da visão é um ritual para os *tchondaro* e *tchondarias*. Nessa dança as mulheres que estão no *Djatchy* não podem se misturar com os outros dançantes. O motivo de não se misturar é que o local da dança é considerado sagrado principalmente naquele momento da dança. Os guerreiros dançantes tomam medicina de ervas e ficam em conexão com *Nhanderu*. Por isso a mulher no *Djatchy* deve dançar no seu próprio círculo feito especialmente para essa ocasião para não contaminar o circulo sagrado onde todos estão.

Em conversa com minha irmã Celita Antunes, relata que em qualquer cerimonia normal ou com medicina, quando acende o fogo sagrado, acende se para um elemento. Quando a mulher está menstruada ela não pode se levantar para dançar no opy, nem cantar em volta do fogo porque é levantado um rezo pelo sol. Se for na casa de reza o rezo é levantado por um homem . Então ela só pode se levantar quando fizer o rezo feminino que é de madrugada. E as mulheres não levantam para rezar quando estão no *Djatchy* no opy, rezam sentadas com o *takuapú*.

Na dança do *tchondaro* é a mesma coisa é aceso um fogo. O fogo fica aceso dentro do opy e fica aceso para o pai sol e o sol é masculino. Quando a mulher esta na lua ela não esta fértil, esta no momento em que não pode engravidar dar a vida, ela esta se limpando. Limpando o terreno que é o útero, o universo a energia dela, para poder receber vida, para poder ser fértil. Então nesse momento ela deve ser retirada de dentro do espaço da dança onde está todo mundo dançando porque é uma dança da vida. Quando está dançando para a vida, está dançando para a fertilidade e isso é um simbolismo.

Ela dança separada ou não entra no circulo enquanto os *tchondaro* estão dançando, por causa da energia dela. Porque nossa energia ela é espiral e do homem é tipo flecha, diretamente vem o raio de cima e volta, atravessa a terra vai para cima e vai para baixo. E a nossa energia é espiral ela sobe sugando, isso mesmo quando não estamos menstruadas. Nossa energia é espiral, mas como uma teia de aranha só que espiral. Vai pegando tudo que esta em volta que é mais fraco que ela. E nos mulheres somos mais fortes temos uma energia mais forte e muito poderosa. Se nos entramos em um circulo com um monte de gente, as mulheres não vão sentir, quem sentirá serão os homens. Vão

sentir muita energia e ficarem muitos fracos, porque a gente vai tirando todas as forças das pessoas e isso é da nossa natureza.

Por isso dentro do *opy* não se levanta para dançar porque fazendo isso tira a energia tira a força que esta chegando aos homens se a mulher esta descontrolada e não consegue controlar sua energia, então para não acontecer isso não se levanta nenhuma que esta menstruada. Por isso já colocamos essa regra, por isso que as mulheres não tocam nas plantas porque também queima. É a nossa força, por causa da nossa força da nossa energia a gente não pode se misturar com as outras pessoas porque podemos acabar machucando ferindo sem querer as pessoas. Machucando espiritualmente a energia dos outros é mais nesse sentido. (Celita Antunes, depoimento pessoal, janeiro de 2020).

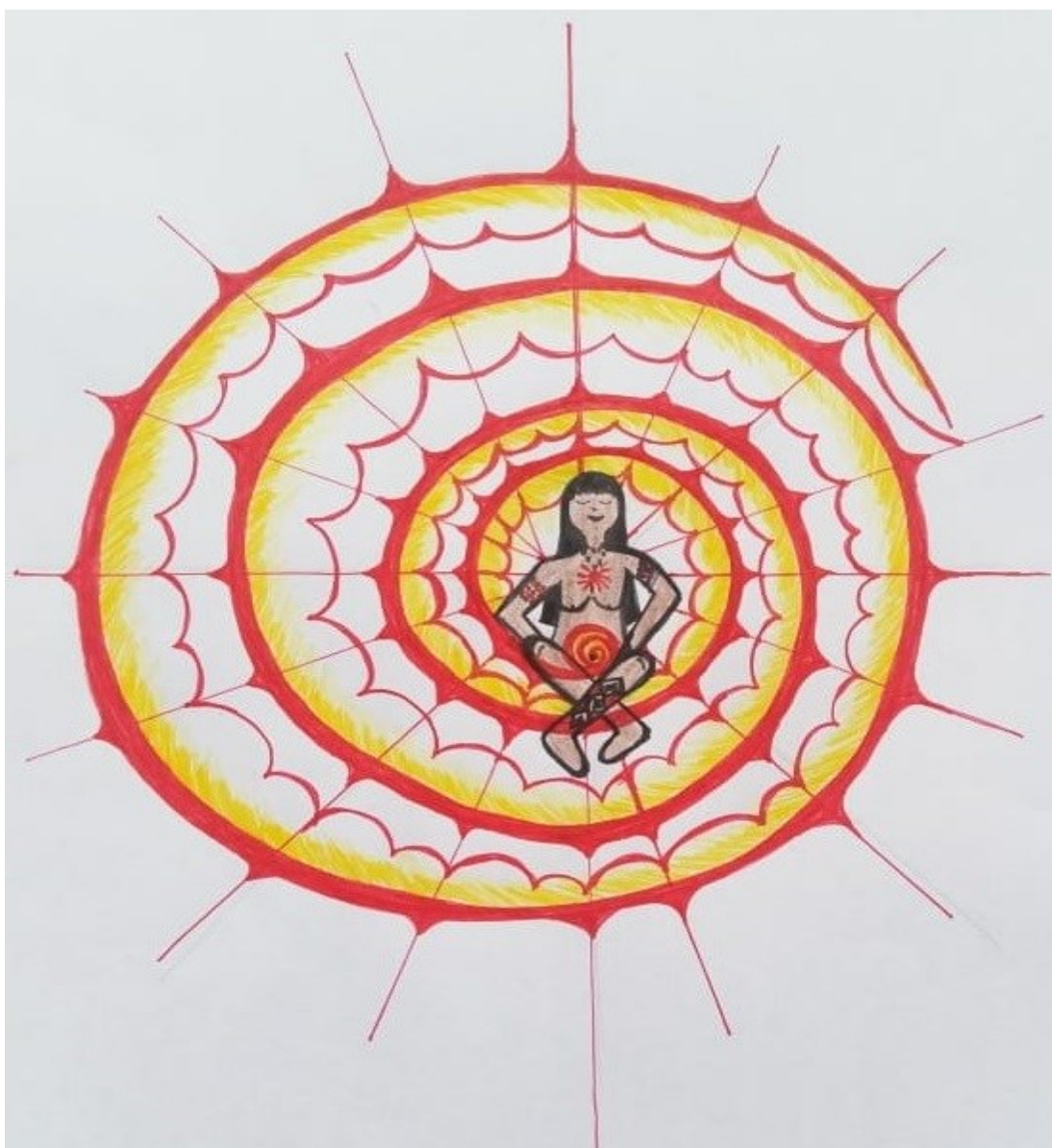


Figura 5: Desenho „A energia feminina“ (caneta e papel A4). Autora: Gennis Ara'í, 27/01/2020.

***Ipuru'a* – estar grávida (gestação)**



Figura 6: Tela “Ipuru'a” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara'i, 25/11/2019.

A pintura está se referindo ao período de gravidez, ao momento em que o bebe está ainda na fase gestacional dentro do útero da mulher. É como se fosse uma pequena semente se desenvolvendo em uma flor. As folhas coloridas é o carinho, a energia, a luz a proteção que a mãe transmite ao seu filho na barriga. O cesto da figura está relacionado com a nossa vida de mulher guarani, porque fomos criadas de um cesto de taquara por *Nhanderu* e isso faz parte da criação divina da mulher guarani. A experiência de ser mãe é uma missão que *Nhanderu* coloca na vida das mulheres cabe a nós mulheres cumprir essa missão ou não.

Ate mesmo para engravidar a mulher guarani deve estar preparada tanto fisicamente quanto psicologicamente. Desde antigamente ate os dias atuais para algumas mulheres é considerada uma honra engravidar é como se fosse uma missão de *Nhanderu* dada às mulheres na terra. Porque aumentaria a família e não deixando assim a geração dos antepassados se exterminarem. É normal para a menina guarani ter filho cedo o que é algo absurdo para os não indígenas. Mas mesmo assim com as mudanças ocorridas no mundo elas vêm mudando esse hábito e tendo filhos mais tarde ou ate mesmo tomando

precauções mais rígidas. Com quinze anos uma guarani já é considerada adulta de maior e não mais uma criança ao contrário de outras culturas que para ser maior de idade deve ter dezoito anos ou mais.

Normalmente antes de uma mulher engravidar ela recebe vários avisos de *Nhanderu*. Sonhar é um aviso mais comum que acontece entre nós mulheres. Sonhar que está ganhando de presente filhotes de animais como um passarinho, ou ganhando muitas frutas de alguém, por exemplo, isso é um sinal que ela pode estar para engravidar.

Outro sinal que recebe é o sinal vindo da lua, o cocô da lua é como se fosse algo amarelo parecendo um cocô que aparece de manhã, que tem a impressão que caiu do céu sempre deixa respingo por onde cai. Aparece de manhã bem cedinho em frente às casas onde há mulheres. O cocô de lua dependendo do tamanho pode dizer se é menina ou menino: se for grande é uma menina, se for pequeno é um menino.

Outro sinal que a mulher recebe é através do *oin* o pássaro conhecido como bem-te-vi que quando canta onde há mulheres está anunciando gravidez para uma delas. Esse pássaro costuma cantar bem perto das casas ou em cima do telhado.

Outro sinal é o que chamamos de “mãe do corpo” que é um espírito feminino responsável pelo útero e das partes reprodutivas das mulheres. Dá sinal no corpo da mulher mesmo antes de engravidar, os seios ficam sensíveis, pode até haver movimentos na barriga como se um bebê estivesse mexendo, mesmo a mulher não estando grávida.

Quando uma guarani engrávida ela e o pai da criança também passam por rituais na qual devem cumprir de acordo com as regras para que o bebê não sofra as consequências. A futura mãe deve tirar do corpo, todos os adornos que possuem cordão, por exemplo, colares, pulseiras cintos e brincos. Não usar roupas muito apertadas porque isso poderá fazer mal a criança, ela poderá se enrolar no cordão umbilical e morrer mesmo no útero.

Devem tomar muitos chás para dar energia ao bebê. Devem massagear bastante a barriga e o corpo para não sentir dor na hora do parto, deve levantar bem cedo para que o bebê não seja preguiçoso. A alimentação deve ser saudável tanto da mãe quanto do pai, porque isso também influencia na alimentação do bebê. Durante os três primeiros meses é necessário repouso

total porque é o período em que há maior risco na gravidez porque é uma fase de muita fragilidade. Devem tomar muitos cuidados com os chás que ingerem porque ao mesmo tempo em que podem se benéficos também podem causar abortos se for ingerido mais do que a dose necessária.

Para muitas famílias guarani, quando a mulher está grávida não pode ter relação sexual. Porque o momento de gestação é um momento de muito cuidados e os maus espíritos que ficam rodeando, podem engravidar a mulher também. Por isso tanto a mulher como o marido devem seguir certinho as regras.

A primeira vez que fiquei grávida era de uma menina. Eu era nova, mas já tinha passado dos meus dezoito anos, que para guarani já é mais que adulta. Eu mesmo morando em aldeia *kaingang* segui as regras guarani. Durante a gestação cuidava da minha alimentação e fazia bastante exercício. Não pude ter a minha filha em casa porque não havia parteiras guarani e minha gravidez era de risco. Tive que ganhar meu bebê no hospital de branco, onde passei por muitas experiências ruins, porque os médicos não tinham paciência, alias nem medico era ainda, mas um estagiário e uma enfermeira maldosa que socava minha barriga para o bebê nascer a forçar. Minha filha nasceu sem respirar, bebeu água do parto e ficou vários dias internado na U.T.I. Se fosse na aldeia tudo seria de um modo saudável. Mesmo assim me cuidei e segui minhas regras. Após voltar para casa, minha irmã Marcia enrolou minha barriga com uma faixa de tecido e ervas para que minha barriga voltasse ao normal e não ficasse tudo fora do lugar. Tomei chás e banhos de ervas.

Na segunda vez que engravidei, foi de um menino. O parto também foi no hospital, porque estava no Paraná, longe de casa e longe da aldeia. Não deu tempo de voltar para a aldeia porque estava na universidade. E não tinha como levar parteiras guarani para a cidade porque era longe. Mesmo sozinha segui os rituais cuidei do bebê e da alimentação. Então digo que não é preciso estar dentro das aldeias para seguir nossos rituais e nossas regras guarani. Mesmo não estando na aldeia eu plantava minhas ervas medicinais em vasos.

Em conversa com minha filha Suellem Paraí Timóteo Gonçalves, ela fala sobre como foi algumas regras que teve que seguir durante a gravidez.

Quando engravidei eu era muito nova. Ganhei meu primeiro filho com 15 anos. Tive que seguir vários rituais até os seis meses ou Primeiro Ano do meu filho. Durante a gestação tinha que andar bastante, fazer exercícios e descansar as costas. Não podia usar colar, pulseira ou qualquer outra coisa porque poderia prejudicar o bebê durante seu nascimento.

Quando o recém-nascido vem ao mundo o cuidado é maior. Tive que fazer dietas, comer comidas sem sal, não comer alimentos pesados como feijão ou carnes de outro tipo, só de frango. Principalmente não comer doces, porque isso dá cólica no bebê. Não podia sair de casa até o bebê fazer um mês. O pai da criança também seguiu o ritual, que era tomar banho nas cinzas. Quando fosse para algum lugar avisar o bebê para que o espírito da criança fique em casa, e que não vá atrás dele. Passou o tempo e com meus 17 anos engravidei novamente, e segui o mesmo ritual que tinha seguido na minha primeira gravidez. E hoje com meus 18 anos, terminei meus estudos, meu primeiro filho tem 3 anos, e a segunda está com 6 meses (Suellem Timóteo Gonçalves, depoimento pessoal, novembro de 2019).

Memby pytã (hora do parto)



Figura 7: Tela “Memby pytã” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’i, 11/12/2019.

A imagem é de uma flor colorida que abriu suas pétalas e dentro dela surge também um bebê. Ao lado da planta há a lua e um sol. A planta é como se fosse o útero da mulher. As pétalas coloridas abertas indicam que o útero se abriu e o bebê está nascendo, é a hora do parto. É como se estivesse brotando uma semente nova da flor e que um dia irá crescer, a madurecer e dar frutos também. A vida é assim nascemos como as plantas também e tudo está relacionado com elas.

A lua é um grande astro que é responsável pela nossa gravidez guarani. Pois mesmo antes de engravidar ela já nos influencia de todas as maneiras. Ela que nos diz quando vamos engravidar. Ela que define o sexo do bebê dependendo de sua fase lunar.

O sol espiritual conhecido *Nhamandu* é o responsável pela criação de todos os seres vivos do planeta e de todas as coisas existentes. É um ser divino, o criador e protetor que está sempre cuidando e protegendo suas criações. E ele que traz o bebê ao mundo que cuida para que tudo de certo entre o bebê e a mãe para que o parto seja saudável e sem sofrimento e complicações. Essas divindades estão sempre perto observando para que tudo seja seguro.

Antes de acontecer o parto é necessário que a mulher tome chá para que não venha sofrer durante o parto. Muitas vezes é recomendado o chá feito com cinzas para acelerar o nascimento e não sentir dores e também para afastar os maus espíritos. Muitas vezes acontece do bebê estar meio atravessado na barriga durante o parto então é preciso uma massagem com ervas, para virar a cabeça do bebê na posição em que irá nascer. O cordão umbilical é cortado com lasca de casca de bambu para que não venha infeccionar. E a placenta enterrada ao lado da casa. O umbigo do bebê deve ser colocado dentro de um saquinho de pano ou palha e amarrado no pescoço do bebê em forma de colar. De jeito nenhum deve deixar que algum animal se alimente do umbigo, porque isso trará problemas para a vida dessa criança até mesmo influenciar na sua personalidade. Por exemplo, se um *angudjá* (rato) comer o umbigo do bebê, ele será uma criança bagunceira inquieta.

Há muitas regras que devem ser seguidas para que nessa hora do parto não haja complicação. Se as regras forem seguidas rigidamente será um parto rápido seguro sem dor. Ao contrário pode haver complicações e muitas dores. Por exemplo, antes de parir ela deve fazer exercícios, caminhar bastante, cuidar da sua alimentação adequadamente. Fazer as atividades da casa sem preguiça como cozinhar, lavar os utensílios, não comer em panelas porque isso dificulta o parto e o bebê poderá nascer com cascas na cabeça.

O parto é um momento único e sagrado o momento que *Nhanduru* entrega o bebê a sua mãe e ele já nasce com sua missão aqui na terra. Por isso na hora do parto todos devem ficar todos em silêncio, porque a mulher precisa de concentração e força tanto física como espiritual para receber seu filho.

Antigamente a mulher paria em casa. Era uma forma saudável e tradicional guarani de trazer o bebê ao mundo junto com seus familiares. Com parteiras de confiança que tinham todo um conhecimento empírico, prático e espiritual sobre as ervas medicinais. Entendiam tudo sobre o corpo da mulher e outros segredos, estavam seguras e bem acompanhadas nunca deixadas só. Não havia tecnologias para induzir o parto, não havia médicos dando palpites de como deveria ser o parto, o que deveria fazer. O médico não era o personagem principal da história da mulher guarani. Não havia cesárias para arrancar os filhos da barriga de uma forma indesejada. Era um parto seguro.

Normalmente eram partos de cócoras, nesse século atual é normal o parto na posição deitada.

Com as mudanças do planeta, também mudou o jeito da mulher indígena viver, de se alimentar, ou seja, seus hábitos e o modo de viver. Mesmo com todas essas mudanças são necessários que nos mulheres guarani possa seguir as regras os rituais para que nossos filhos não nasçam doentes.

Em conversa com minha irmã Marcia Antunes Martins, ela fala do que ela pensa sobre o parto:

Escutei há tempos atrás quando era criança, minhas avós e a minha mãe falando, de como era valorizado o parto antigamente. Existiam muitas plantas medicinais e proteção da nossa mãe terra, porque as mães usavam remédios caseiros e se cuidavam muito. Os alimentos eram diferentes e tinha regras para as mulheres que tinham seus bebês. E todos os membros da família tinham que ter uma alimentação diferenciada. Não podiam comer carne nem qualquer outra comida, somente preparada por as avós e parteiras. Era uma espécie de farofa de milho. Era preciso sempre tomar cuidado para os maus espíritos não se aproximarem do bebê. Em cada família o homem tinha uma pintura diferente dos demais para saberem quem era o pai de um bebê. Era preciso usar essas pinturas para não *djepotá*, e para serem sempre protegido e guiado pelos seres celestiais.

Hoje as mães mais novas e assim como também as mais velhas vão ao hospital para ganhar os bebês. E só se alimentam com besteiras e usam remédios da farmácia. Não fazem mais os resgarde das crianças. E não lembram mais nem de rezar. Por isso que morrem muitas mulheres e crianças prematuras por não terem sido cuidadas adequadamente. (Marcia Antunes Martins, depoimento pessoal, janeiro de 2020).

Memby pytan rire (Pós-parto)



Figura 8: Tela "Memby pytã rire" (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara'i, 26/11/2019.

A pintura faz menção ao pós-parto. Ao momento em que nós mãe seguramos nossos filhos nas mãos e amamentamos com carinho. Agradecendo a *Nhandetchy* e *Nhanderu* por ter enviado mais um membro para nossa família que se tornará um dia nossa nova geração. A mulher sentada na lua, quer dizer que a lua é a responsável por toda essa fase de transformação na nossa vida como mulher guarani. Ela foi responsável por todo esse ciclo desde a gravidez, o desenvolvimento do bebe no útero, o parto, ate o pós-parto. E continuará influenciando a vida do bebe e da mãe ate as suas mortes.

A imagem do bebê e da mulher e da lua envoltos por *Nhandetchy* e *Nhanderu*. É ele protegendo suas criações tudo o que criou cuida com carinho e amor. Foi ele quem criou a mulher, as plantas a lua. Então protege para que os espirito malignos não venham a prejudicar e destruir nenhuma de suas criações. As plantas verdes são as ervas medicinais tradicionais que usamos durante o pós-parto para banhar a nós mesmos e nossos filhos. Porque as plantas também são sagradas e devemos usar sempre o necessário no nosso corpo.

Nessa fase o bebe e a mulher precisam de muito repouso e cuidado. Pois é um momento em que a mulher se torna mais sensível. Se ela for

incomodada e perturbada o leite de seus seios podem secar. É um período em que se ela precisa de apoio absoluto porque é nesse momento que ela pode desenvolver uma profunda tristeza doenças na qual os *djuruás* chamam de depressão pós-parto que para nós é um espírito mal que esta se apossando do corpo e do espírito da mulher. Por isso os familiares precisam estar atentos e nunca deixa lá só.

Esse período a mulher fica de repouso dois meses ou mais, podendo ser mais tempo ou menos, isso depende da tradição de sua família. Sua barriga após o parto fica inchada e ainda grande, por isso é enrolada com faixas apertadas para que volte logo ao normal. Não podem comer alimentos gordurosos, doces nem mesmo feijões e carnes. Apenas alimentos leves e saudáveis porque caso contrário o bebe pode ficar mal e ter muita dor de barriga. Tomam se muitos chás para que não venha secar o leite por exemplos ervas doce. Ao mesmo tempo em que segue rigidamente a dieta o marido também deve seguir, mesmo estando longe da família. Por exemplo, não podem comer carnes, jogar futebol, pescar ou fazer outras atividades que requerem muitos esforços, porque tudo que fizer o bebe sentirá e isso faz mal.

No TCC da pesquisadora Guarani Maria Cecilia Barbosa Kerexu, ela destaca a importância dos pássaros na influencia dos ciclos femininos Guarani.

„O Mainó,i que é beija-flor que significa para nós o caminho, exemplo: Quando tem família pequena o pai vai pescar ou vai em outro lugar tem que falar com o filho para ficar com a mãe: Exemplo: Quando a criança não consegue dormir. Porque o espírito da criança está perdido sem achar o caminho onde seu pai andou. Então o pai chega na casa e o filho não consegue dormir, a criança é levada do xeramoi e pede para o karai rezar e pedir que o beija-flor trazer o filho para casa na suas asas. Logo que o karai reza o espírito da criança logo chega, e logo a criança dorme, porque o espírito está no corpo dele“ (BARBOSA KEREXU, 2015: 15).

Antes de sair de casa o pai deve falar com o bebe contar para onde vai e dizer para o espírito do bebe ficar em casa com a mãe, se caso o espírito do bebe for atrás pode se perder no caminho e nunca mais voltar. O pai também tem um papel fundamental na vida do bebe desde quando esta na barriga ate depois de seu nascimento. Por isso deve ficar em repouso também e seguir as regras especifica para ele.

Em conversa com meu esposo Kiko Benite Kuaray Papa ele fala da importância dos rituais pós-parto:

Quando tive meu primeiro filho, fiz vários rituais. Uma regra que nos guarani temos é que quando nasce uma criança devemos queimar um tecido, ou seja, uma roupa. Passar a fumaça pelo corpo fazendo uma oração. Esse ritual é para espantar os espíritos considerados por nós malignos que nos rodeiam após o nascimento da criança. No momento em que a criança nasce abre se um portal. E desse portal surgem os espíritos que vem para levar a alma e no lugar de sua alma deixam outro espírito mal dentro de você e do bebê.

Outra regra é não tocar instrumentos, tipo violino, tambor e violão e outros. Porque isso comprometerá o espírito do bebê. Ele poderá ficar preso em um lugar escuro e poderá não se enxergar. Quando o espírito fica preso o bebê não tem mais segurança, não tem proteção. Por esse motivo a criança quando nasce fica doente, preguiçoso e raivoso. Até mesmo pode ficar muito doente e morrer. Quando o espírito não estiver mais com o bebê, vem outro espírito maligno e se apossa da criança. (Kiko Benite Kuaray Papa, depoimento pessoal, outubro de 2019).

O bebê não pode pegar o sereno da tarde podendo assim adoecer e ficar exposto ao perigo dos maus espírito que o rodeiam. A mulher também não deve pegar friagem, nem muito vento no corpo, nem mesmo lavar a cabeça em água fria porque podem pegar recaídas no corpo. A recaída é considerada perigosa porque podemos ter para o resto da vida, e pegamos apenas em um descuido nosso.

Muitas vezes as mulheres optam por não ter mais filhos e fazem tratamentos com chás para não engravidar por pelo menos dois anos e esse tratamento deve ser feito nas primeiras semanas de dieta do resguardo do parto. Isso acontece com mulheres que também não podem ter filhos e desejam muito ter então é preciso que tomem chás de ervas para conseguir engravidar. Antigamente as dietas eram levadas mais a sério. Hoje não mais, apenas algumas mulheres seguem por isso elas não sofrem após o parto. Se não guardar dietas o corpo todo dói porque muitos alimentos que comemos são industrializados. As influencias da cultura de fora prejudicam nossa saúde e nossas vidas, as mulheres que não seguem as regras pós-parto podem *djepotá*. Todos esses ensinamentos devem ser repassados para nossas filhas

meninas ainda em casa por nos mães e avós. Porque a falta de informação irá prejudicar a vida dela no futuro.

Djatchy re noi veima (Menopausa)



Figura 9: Tela “Djatchy re noi veima” (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara’í, 12/12/2019.

A mulher na pintura sendo representada como uma borboleta azul. Com grandes asas e dentro de suas asas vários desenhos, em suas mãos flores. Faz referência à metamorfose da sua vida. A transformação que ela tem passado desde seu nascimento até sua idade de anciã. Comparei nossas *tchedjaryí* com *Popó’í*, borboletas por que durante sua vida sofrem metamorfoses. Assim também é a mulher que está no período da menopausa, que passa por muitas mudanças devido a influência vividas nesses longos anos.

Os desenhos nas suas asas representam alguns símbolos que influenciaram sua vida até a velhice. Azul representa todas as coisas e todos os seres que vivem no território divino celestial Guarani e são seres eternos que nunca morrem.

A lua é o astro que influenciou o ciclo da mulher desde seu nascimento, a menarca a idade adulta até sua velhice. O *Petynguá* é um instrumento sagrado que é muito utilizado. Um instrumento de mediação não só entre os homens, mas também entre a mulher e *Nhanderu*. É um meio de estar em conexão com os seres divinos guarani. Através de suas fumaças, nossas rezas chegam até o reino celestial guarani.

O cesto com seus trançados é o símbolo feminino, porque o ser feminino foi feito de um cesto de taquara. *Nhanderu* fez um cesto e jogou na água e o cesto se transformou em mulher. É um utensílio feito por mulheres e todos os trançados possuem um significado.

O *Tchingyre* (tatu) é um dos primeiros animais que ajudou *Nhamandu* a criar a terra. Então se não fosse pela ajuda desse animal não haveria terra e se não houvesse terra não haveria o ser humano nem mesmo a mulher. E assim como o tatu a mulher guarani ajuda todos a cuidar da vida familiar. Cuida da terra, plantando, colhendo e cuidando dos filhos, além da organização social da aldeia.

Nhandetchy e *Nhamandu* Deus sol, criador de todas as coisas, fizeram tudo com perfeição, assim como também a mulher e o homem. Ele é o responsável pelas fases da vida da mulher e quando chega a menopausa não quer dizer que sua vida termina. Ela apenas não está mais apta a conceber filhos, mas quer dizer que deve cuidar de seus netos e de suas futuras gerações.

Nós mulheres Guarani somos como se fossemos árvores ou plantas, com flores, fruto e raízes. Nascemos, crescemos e nos desenvolvemos. Criamos fruto, ou seja, nossos filhos e constituímos famílias. E toda a sabedoria que adquirimos durante a vida foram experiências e conhecimentos que nos foram repassados pelos nossos ancestrais que são considerados nossas raízes.

As flores nas mãos são nossas dádivas nossos dons. Porque toda a mulher guarani possui um dom seja qual for ele deve ser utilizado apenas para fazer o bem. E toda a mulher guarani sabe curar com as mãos, com as ervas medicinais, e com a fumaça do *Petyngué*.

O arco e flecha são símbolos femininos e masculinos. O arco é um símbolo feminino porque normalmente é feito com bambu ou taquara. A flecha um símbolo masculino feito com *pindó* palmeira do jerivá ou outras palmeiras. Os dois instrumentos fabricados por nos guarani sempre se complementam. Porque para haver uma boa caçada era preciso ter o arco e também uma flecha. Assim como o homem e a mulher um precisa do outro na vida na aldeia, um sempre complementa o outro.

O *takuapu* é um instrumento feminino que sempre esteve presente na vida da mulher guarani desde sua infância até sua idade onde se torna anciã.

O *mainó*, beija flor, que está nas asas da borboleta é um símbolo sagrado também. Assim como o tatu que ajudou *Nhanderu* criar a terra, o beija-flor também o ajudou. Com suas asas abertas espalhou a terra sobre a água e pelo mundo para criar terra firme. Com o pólen das flores, que tirava do cocar de *Nhanderu* ele o alimentava enquanto *Nhanderu* criava o mundo. É também um espírito de poder e conhecedor das sabedorias, e que trás boas notícias. E assim como o beija-flor a mulher é delicada e possui poderes em suas mãos. E alimenta seus filhos e famílias com seus trabalhos, porque nós mulheres guarani somos fortes e guerreiras.

A menopausa surge para a mulher guarani como um sinal de passagem para outra etapa da vida, mostra que já acumulou muitas experiências e esta apta a se tornar uma anciã. A idade marca a mudança e o começo de uma nova vida e o fim da fase da fecundação feminina. É uma fase em que acontecem as mudanças espirituais e emocionais.

É um processo que acontece conforme o tempo em com a idade, mas nós mulheres guarani podemos retardar esse período através de chá feito com o objetivo de prolongar os períodos menstruais. Normalmente as mulheres guarani demoram muito mais do que as mulheres não indígenas para entrar nesse período de menopausa porque a guarani possui o segredo e o processo de cura, de cuidados através de benzimento com ervas, ramos e folhas. Minha mãe mesmo entrando na menopausa ainda conseguiu reverter esse processo e ter mais um filho, porque ela sabia o segredo das ervas para retardar a menopausa. Conhecia também as plantas que fazia uma mulher engravidar ou para fazer a mulher não ter mais filhos, ou seja, algumas plantas serviam com anticoncepcional só que natural e saudável.

Elas não poderão ter mais filhos biológicos no período da menopausa, mas terão os netos e bisnetos que serão os filhos do coração. A maioria das mulheres que não podem ter mais filhos adotam crianças da mesma etnia guarani para criar como filhos ou criam seus próprios netos e sobrinhos. Começam a ter um papel mais importante dentro das aldeias e começam a ter mais respeito pelos mais jovens.

Como sabemos todas as mulheres nessa fase ficam preocupadas com sua juventude porque o corpo está em um processo de transformação. Nós mulheres Guarani temos nossas preocupações com o corpo, mas também nos preocupamos com o espírito nessa fase da vida. Porque o espírito precisa estar bem para que nosso corpo esteja bem. É um momento da vida que acumulamos muitos conhecimentos bons e ruins e devemos ter o cuidado e, saber hora certa para repassar tudo que sabemos e aprendemos durante a vida toda.

Tchedjaryí (anciãs)



Figura 10: Tela "Tchedjaryí" (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: Gennis Ara'í, 18/01/2020.

A pintura faz referencia a *tchedjaryí*, anciã guarani a mulher mais velha considerada a mais sábia e merecedora de todos os respeitos. O seu longo vestido verde representa todo o conhecimento adquirido durante sua longa caminhada na vida. As flores coloridas são toda sua experiência reunida em um só pensamento. Todas essas flores e ramos em seu vestido foram construídos lentamente de uma forma que se tornaram sua vestimenta que protege seu corpo e seu espírito.

Em sua mão está o *takuapu* o instrumento sagrado que utiliza na casa de reza para dançar e rezar para *Nhanderu* e *Nhandetchy*. Porque dançar é uma forma de expressar amor e gratidão. *Nhanderu* e *Nhandetchy* gostam que cuidemos do corpo porque se cuidamos do corpo cuidamos também da alma. Em outra mão está o *Petynguá* e dele sai a fumaça sagrada *tatatchin*. Através da fumaça do *Petynguá* ela se comunica com *Nhanderu* e *Nhandetchy* porque

é um meio de estar em conexão com eles. É assim que eles ouvem nossas orações e atendem a nossos pedidos.

Ao seu redor esta *Nhamandu* (sol espiritual). É ele que cuida da vida que dá proteção e forças. E enche o espírito de energia para podermos seguir nossa caminhada por isso é importante fazer orações para *Nhamandu* e agradecer por tudo de bom que acontece em nossa vida.

A velhice chega para todas. Mas é nesse momento que as mulheres começam a se preparar porque sabem que seu tempo de vida na terra esta se esgotando. Nesse período a mulher sabe que se tornou uma anciã.

Muitas se tornam *kunha karai* mulheres lideranças espirituais com grandes poderes. Outras não são líderes espirituais, mas possuem conhecimentos que foram adquiridos durante a vida. A experiência torna da anciã professora mestra, porque ela é portadora de todos os conhecimentos tradicionais. A anciã é fundamental na organização social da aldeia, são memórias vivas dos saberes tradicionais, conhecem os mais profundos segredos das medicinas, dos rituais, das regras, da alimentação, dos cantos e rezo.

A *tchedjaryí* sabe que todas as suas sabedorias devem ser repassadas para os netos e outras crianças da aldeia. Fazem o máximo possível para que suas memórias não sejam esquecidas para sempre. E para que os costumes tradicionais familiares não se percam.

Por causa de suas experiências e vivências são consideradas como as conhecedoras dos chás tradicionais, as anciãs mais sábias, e as verdadeiras portadoras de todos os segredos das ervas medicinais tradicionais. Por isso na aldeia os mais novos possuem o máximo de respeito pelos mais velhos. Pois são consideradas mestras que possuem o verdadeiro conhecimento sobre a vida Guarani. Todas essas experiências adquiridas com o tempo as tornam mulheres conhecedoras e sábias portadoras do conhecimento sagrado *Arandú marãe'y*.

As anciãs sabem que suas vidas aqui na terra estão se acabando. Cada minuto que passa é uma preparação para voltar ao seu lugar de origem de onde veio há muito tempo. Há varias maneiras de se preparar para poder fazer a passagem dessa vida para o mundo espiritual onde moram as divindades. A

religião tradicional é o meio pela qual as mulheres guarani deixam de lado a vida física para dar prioridade a vida espiritual.

É através de cuidados que começa a preparação da limpeza espiritual do corpo e da mente. Por isso a anciã busca cuidar muito do seu corpo e cuidar da alimentação. Faz sua preparação na *opy* cantando e rezando esperando que *Nhanderu* e *Nhandetchy* escutem suas canções, suas rezas, pois é dessa maneira que busca limpar sua alma aqui na terra para poder alcançar a perfeição do ser *Aguydje*. Só os espíritos perfeitos conseguem. A alma do guarani só esta em estado de perfeição se o corpo também estiver.

Minha mãe sempre me contava que quando uma pessoa consegue atingir esse estado de perfeição aqui mesmo na terra, ela consegue fazer a passagem ainda vivo para o outro mundo, de corpo e alma. Dizia ela que a passagem para o outro mundo é feita através de um barquinho. O mensageiro espiritual de *Nhanderu* e *Nhandetchy* aparece para os *karai* avisando que em um determinado tempo e local vem buscar os Guarani que estão preparados para fazer a travessia, quase sempre os anciões. O barquinho aparece e só consegue subir nele e navegar quem estiver com o corpo e alma pura. Logo após ele vai navegando para o mar. A certa altura de distância ele some como se estivesse passando em algum portal que quase sempre fica no mar. Porque há vários portais na terra que levam os anciões para a outra terra divina. Por isso que os anciões se preparam muito aqui na terra antes de partir. E sempre quando partem dessa terra levam o *Petynguá*, o *penty*, a erva mate e outros objetos que irão precisar durante sua caminhada ate chegar ao seu destino final.

Homenagem a *Tchedjaryí Poty Djá* (Rosa Mariani Cavalheiro)



Figura 11: Tela "*Poty Djá*" (tinta de estampa e moldura de bambu). Autora: *Gennis Ara'í*, 18/012020.

A pintura faz referência a *Poty Djá*, a dona das flores. Suas asas representam o voo de liberdade para o céu das divindades Guarani. Também a transformação de seu corpo físico para o espiritual. Tem em suas asas a marca da vida e o *Nhamandú* (sol sagrado). A sua frente está um vaso de argila que guarda todo o seu conhecimento. As flores simbolizam o conhecimento que colheu durante sua jornada em vida. O barquinho no qual está sentada faz referência ao veículo de transporte que faz a passagem de todo o ser Guarani para o outro mundo além da vida.

Dona Rosa, conhecida como *Poty Djá* (dona das flores), foi uma grande *kunha karai* da aldeia de M'Biguaçu. Uma anciã muito respeitada, considerada vó de todos na aldeia. Tinha um sábio conhecimento sobre a vida guarani e seus costumes. Era grande conhecedora da cosmologia feminina guarani.

Foi essencial para a organização social da aldeia, pela qual tinha grande zelo. Conhecia a aldeia com a palma de sua mão, pois foi uma das fundadoras. E conhecia exatamente o solo onde estava a melhor argila que precisava para confeccionar seu *Petynguá* e para plantar suas medicinas. Foi com ela que tive o grande prazer de aprender a fazer cerâmica com desenhos unglados.

Conhecia cada pé das plantas que tinha na aldeia, fazia seus chás em função da cura do próximo. Mulher de força e rigor mesmo com tantos anos de idade ainda tinha força para trabalhar na roça, capinando e cultivando suas plantações com grande energia e motivação. Era um exemplo para todas as mulheres, mesmo com tantas lutas e obstáculos em sua vida conseguiu viver por muito tempo ainda. Mostrou que na vida tudo é possível.

Repassava todos os seus conhecimentos para seus filhos e netos através da oralidade. Toda a sabedoria que tinha transmitia para as crianças da aldeia com carinho através da música, da dança dos conselhos e das rezas dentro da *opy* ou na sua própria casa. Era sábia, guardiã de muitos conhecimentos sagrados. Mesmo passando de seus cem anos era guerreira e mulher de fibra. Assim como quase todas as anciãs guarani, tinha a preocupação de cuidar da família e zelar pelo seu bem. Cultivava a tradição guarani com grande orgulho.

Era muito religiosa e suas crenças eram também repassadas para os mais novos. Como uma verdadeira *kunha karai*. Tinha o dever de ensinar e guiar as meninas mais novas a seguir a verdadeira tradição guarani, o verdadeiro *Nhanderekó*. Tive orgulho de conhecer e conviver com *Poty Djá* na aldeia. Fez a passagem desse mundo para a terra sem males, mas deixou muitas sementes cultivando aqui nessa terra. E agora está lá em cima cuidando de nós ao lado de *Nhanderu* e *Nhandetchy*.

Conclusão

O presente trabalho traz a arte visual em conexão com a escrita. Traz o processo de transformação da mulher, dentro do nosso modo de ser e viver Guarani. É relevante que o conhecimento desse trabalho chegue até as mulheres de outras sociedades para que aprendam a respeitar nossa verdadeira tradição. É importante que sirva de referência ao meu próprio povo Guarani. É também uma forma de fortalecer nossa tradição e registrar nossos saberes pelas nossas próprias mãos.

Em meio às várias mudanças culturais, a tradição da mulher Guarani vive e resiste. Mesmo a cultura estando sempre em processo de transformação, resistimos para que não haja interferências ruins em nosso *kunhague rekó*. O nosso ciclo de vida feminino é muito importante para manter a nosso modo de ser. Pois cada fase da nossa vida como mulher é uma transformação do corpo e do espírito, é um novo recomeçar.

A primeira fase da vida começa a partir do momento em que nós nos tornamos mulheres em transição da infância para a vida adulta. Ao longo da vida há várias passagens de um ciclo para o outro. O primeiro ciclo é a primeira menstruação *Inhengué ramo Djatchy*, seguida da *Ipuru'á*, *Memby pytã*, *Memby pytã*, *Memby pytan rire*, *Djatchy re noi veima* e *Tchedjaryí kuery*.

Todo esse processo faz de nós mulheres Guarani referência em conhecimentos tradicionais. E tudo está ligado com a cosmologia do mundo Guarani, com a nossa *Nhandetchy*, com as *tchedjaryí kuery* e com o nosso mundo espiritual.

Todos esses conhecimentos tradicionais devem ser valorizados. Devem ser repassados adiante para que não fiquem esquecidos no tempo. É importante que alguma parte de nossos saberes sejam registrados, para que outras culturas aprendam a respeito do nosso *kunhague rekó*, que nos respeitem e nos valorizem como mulher Guarani, e que respeitem nossa sabedoria dos ciclos da vida das mulheres.

Apresento aqui no final do trabalho um desenho com os diferentes momentos do ciclo da vida feminino Guarani interligados. Cada fase da vida é como se fosse o ciclo da vida de uma planta. Como uma semente plantada na

terra, que germina, dá frutos flores e folhas. Como se fosse uma árvore que depois de produzir tantos frutos e flores diminui sua fertilidade, mas continua verde e começa a produzir longas e profundas raízes. Mesmo depois de sua morte seu corpo servirá de alimento ao solo. As sementes que restaram novamente irão brotar e o ciclo da vida continuará:

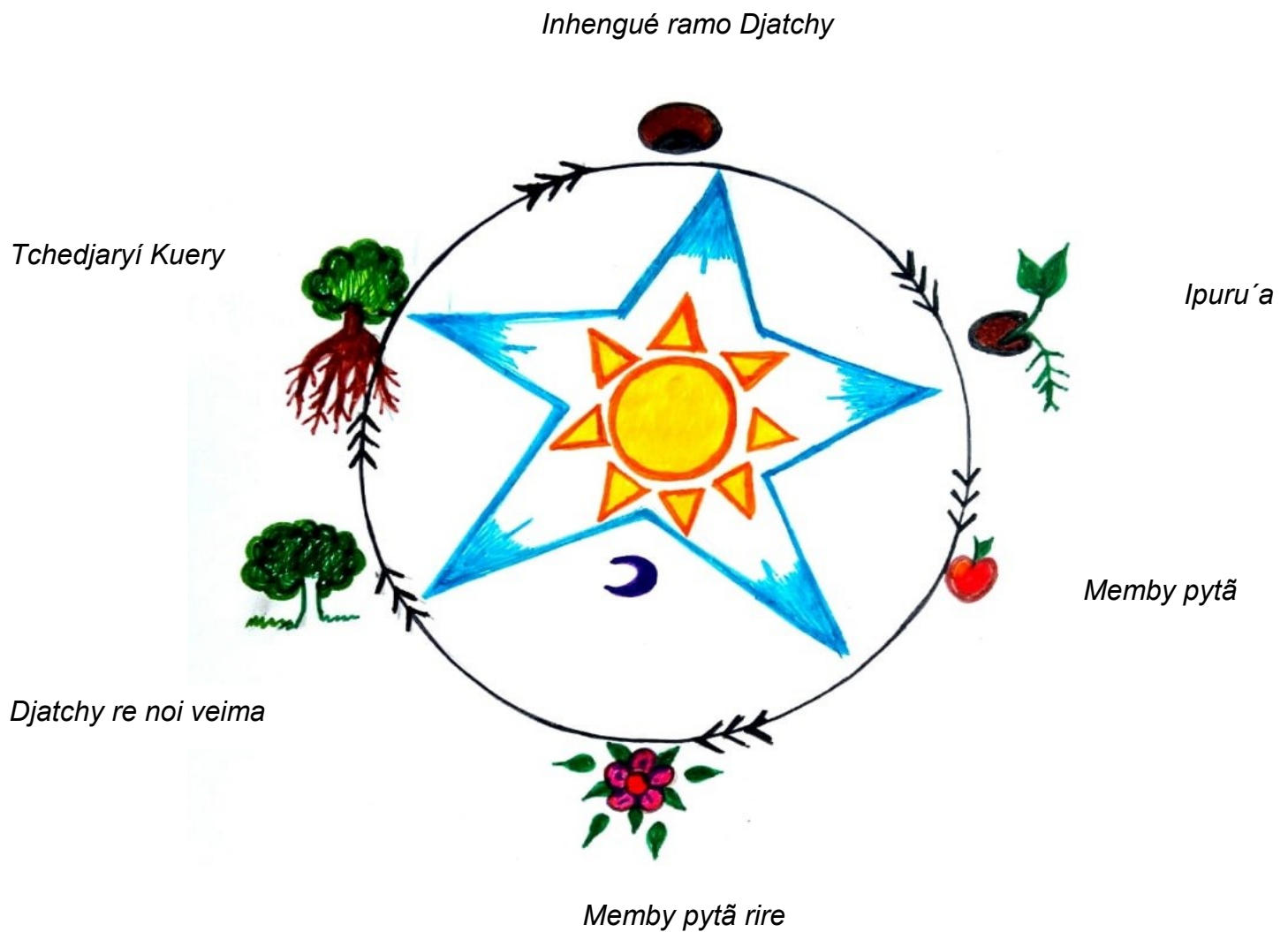


Figura 12: Desenho "O ciclo de vida feminino guarani" (caneta e papel A4). Autora: Gennis Ara'í, 28/01/2020.

Referências

A principal referência são as memórias da minha mãe e também as memórias das mulheres da minha família. Foram referências algumas pessoas de M'biguaçu com as quais conversei e que foram fundamentais para fazer minha pesquisa. O modo de viver das mulheres da aldeia também serviram como referência, os rituais e costumes tradicionais femininos.

Referências orais

Celita Antunes, M'Biguaçu, janeiro de 2020.

Kiko Benite Kuaray, M'Biguaçu, outubro e dezembro de 2019, e janeiro de 2020.

Marcia Antunes Martins, M'Biguaçu, janeiro de 2020.

Suellen Timóteo Gonçalves Parafá, M'Biguaçu, outubro de 2019.

Referências escritas

BENITES, Sandra. *Viver na língua guarani nhnadewa (mulher falando)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2018.

MARTINS, Timóteo Davi. *KYRINGUEI'KQUERY: Noções Nativa de Infância, Aprendizagem e Desenvolvimento da Pessoa*. TCC, Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis, 2015

BARBOSA KEREXU, Maria Cecília. *A vida do Pássaro, o canto e a dança do tangará*. TCC, Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis, 2015.

MOREIRA, Adriana. *PURU'A REKO: A saúde na Gestação e no Parto da Mulher Guarani*. TCC, Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis, 2015.

MOREIRA ANTUNES YVYDJÚ TAKUA, Aline. Os significados dos nomes Guarani. Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia da Univali, Biguaçu, 2019.

Referências audiovisuais

Guarani, Jerá. 2019. "A menstruação na cultura Guarani", vídeo disponível em: <https://youtu.be/ac1DFjVyFW8>.

Jaenisch, Damiana Bregalda, Nascimento, Elis, Mattos, Lia & Andrade Sarkar, Naíla. 2017. “Cuidado do corpo”, vídeo do projeto "Guardiãs de Saberes. Cuidado do corpo. Cuidado da terra“, disponível em: <https://youtu.be/tNFViGi0prA>

Jaenisch, Damiana Bregalda, Nascimento, Elis, Mattos, Lia & Andrade Sarkar, Naíla. 2018. “O caminho das plantas: saberes de cura na cosmovisão Guarani”, vídeo do projeto "Guardiãs de Saberes. Cuidado do corpo. Cuidado da terra“, disponível em: <https://youtu.be/kPcsSRmEzdU>

Sposati, Ruy, Seraguza, Lauriene e Foster, Célia. 2018. “Kuña Reko: mulheres kaiowa e guarani.”, documentário disponível em <https://youtu.be/kgADW4o3o-c>

Anexo

Link para apresentação do TCC no dia 10 de fevereiro na UFSC:

<https://youtu.be/ehgoZdW9iyE>